

ESCRITA DE SI E IMAGINAÇÃO SOCIOLÓGICA: OFICINAS MEDIADAS PELO CINEMA

Writing the Self and Sociological Imagination: Cinema-Mediated Workshops

Juliane Kelm Ramos¹

Resumo: Este artigo aborda a escrita de si como dispositivo formativo e procedimento sociológico a partir da experiência da autora comoicineira em oito oficinas pedagógicas mediadas pelo cinema, realizadas entre 2024 e 2025 em diferentes contextos formativos. O estudo investiga de que modo a narrativa de si, produzida em situações educativas coletivas, pode favorecer processos de formação crítica e produção de conhecimento sociologicamente situado. Metodologicamente, trata-se de uma pesquisa qualitativa de abordagem narrativa, baseada na análise interpretativa de narrativas escritas por participantes ao final das oficinas, das gravações posteriormente transcritas e dos registros reflexivos daicineira. A análise dialoga com a escrita de si como processo formativo, conforme Passeggi, Souza e Vicentini (2011), articulada à imaginação sociológica de Mills (1969) e à concepção relacional do sujeito proposta por Elias (1994). Os resultados indicam a emergência de núcleos de sentido recorrentes, como a aprendizagem entendida como produção coletiva, o desenvolvimento de um olhar crítico sociologicamente orientado e a humanização da formação profissional diante das desigualdades sociais. Conclui-se que a escrita de si, quando mediada pelo cinema e sustentada por rigor analítico e reflexividade sociológica, constitui um dispositivo formativo eficaz, capaz de articular biografia, instituição e estrutura social nos processos de formação docente e profissional.

Palavras-chave: Escrita de si. Formação docente. Cinema.

Abstract: This article addresses self-writing as a formative device and a sociological procedure based on the author's experience as a workshop facilitator in eight film-mediated pedagogical workshops conducted between 2024 and 2025 in different educational contexts. The study investigates how self-narratives produced in collective educational situations may foster processes of critical formation and the production of sociologically situated knowledge. Methodologically, this is a qualitative study with a narrative approach, based on the interpretative analysis of written narratives produced by participants at the end of the workshops, subsequently transcribed recordings, and the facilitator's reflective records. The analysis engages with self-writing as a formative process, as proposed by Passeggi, Souza and Vicentini (2011), articulated with Mills's (1969) sociological imagination and Elias's (1994) relational conception of the subject. The results indicate the emergence of recurring meaning cores, such as learning understood as a collective production, the development of a sociologically oriented critical gaze, and the humanization of professional education in relation to social inequalities. It is concluded that self-writing, when mediated by cinema and grounded in analytical rigor and sociological reflexivity, constitutes an effective formative device capable of articulating biography, institution, and social structure in processes of teacher and professional education.

Keywords: Self-writing. Teacher education. Cinema.

¹ Doutoranda em Sociologia pela Universidade Federal do Paraná (PPGSOCIO-UFPR). Mestre em Sociologia pelo PROFSOCIO-UFPR. Professora da rede estadual de ensino do Paraná. Orcid: <https://orcid.org/0009-0004-5357-796X>. E-mail: ramoskelmjuliane@gmail.com.

1 Introdução

Este artigo aborda a escrita de si no campo da pesquisa educacional, compreendendo-a simultaneamente como prática acadêmica e dispositivo formativo vinculado aos processos de formação docente e profissional. A reflexão fundamenta-se na experiência da autora como oficinaira em oito oficinas pedagógicas mediadas pelo cinema, tomando essa vivência não como relato confessional, mas como objeto de investigação analítica.

No campo educacional, as pesquisas sobre escritas de si consolidaram-se a partir da chamada virada biográfica, deslocando o foco do testemunho individual para a análise dos modos pelos quais os sujeitos narram e interpretam suas trajetórias em relação aos contextos institucionais e sociais que cruzam a formação (Passeggi; Souza; Vicentini, 2011). Nessa perspectiva, a escrita de si constitui um procedimento de produção de conhecimento, permitindo articular experiência vivida e interpretação reflexiva da prática formativa.

Para que a análise da experiência ultrapasse o âmbito do particular, o estudo mobiliza a noção de imaginação sociológica (Mills, 1969), compreendida como a capacidade de relacionar biografia, história e estrutura social, bem como a abordagem relacional de Norbert Elias (1994), que permite compreender o “si” como socialmente constituído em cadeias de interdependência. Nesse enquadramento, o cinema é mobilizado não como recurso instrumental, mas como mediação estética da experiência formativa. Em diálogo com Bergala (2008), entende-se que a experiência filmica pode produzir deslocamentos perceptivos e favorecer a elaboração reflexiva da experiência, criando condições para a emergência da escrita de si como interpretação sociologicamente situada do vivido.

A partir desse panorama, o estudo investiga de que modo a narrativa de si, produzida em situações educativas coletivas, pode favorecer processos de formação crítica e produção de conhecimento sociologicamente situado. Nesse sentido, o objetivo do artigo consiste em analisar como a escrita de si, mobilizada em oficinas pedagógicas mediadas pelo cinema, pode operar simultaneamente como dispositivo formativo e como procedimento sociológico na compreensão da formação docente e profissional.

Do ponto de vista metodológico, a pesquisa adota abordagem qualitativa de caráter (auto) biográfico e narrativa, utilizando como fontes os registros reflexivos da oficinaira, bem como gravações em áudio e as narrativas escritas pelos participantes ao final das oficinas. A análise foi realizada por meio de leitura interpretativa e codificação temática, orientada pelos referenciais da pesquisa narrativa (Clandinin; Connelly, 2015), permitindo identificar núcleos de sentido emergentes das relações entre experiência individual, mediação pedagógica e contextos institucionais.

O dispositivo das oficinas teve origem no produto educacional desenvolvido no âmbito do Mestrado Profissional em Sociologia em Rede Nacional – PROFSOCIO/UFPR (2024), sendo posteriormente ampliado para diferentes contextos formativos. A recorrência de efeitos formativos associados à mediação cinematográfica conduziu à problematização analítica aqui desenvolvida.

O artigo organiza-se em quatro seções principais, articuladas entre si após esta introdução. Inicialmente, em *Procedimentos metodológicos e considerações éticas*, apresentam-se as escolhas metodológicas que orientam a pesquisa. Na sequência, em *Experiência e escuta*, discutem-se os fundamentos analíticos da formação docente e profissional. Em continuidade, a seção *Escrita de si e interpretação coletiva* desenvolve a análise dos núcleos de sentido emergentes das narrativas produzidas nas oficinas. Por fim, em

Considerações finais, retomam-se os principais achados e as contribuições do estudo para o campo da formação docente e profissional.

2 Procedimentos metodológicos e considerações éticas

Trata-se de uma pesquisa qualitativa, de abordagem narrativa, fundamentada em Clandinin e Connelly (2015), desenvolvida a partir da análise de textos produzidos por participantes de oito oficinas pedagógicas mediadas pelo cinema. O corpus empírico foi constituído por formulários de retorno avaliativo contendo questões abertas, registros reflexivos elaborados pelaicineira ao longo do processo formativo e gravações em áudio realizadas durante momentos distintos de preparação, realização e análise das oficinas. A investigação partiu do reconhecimento de que processos formativos não se deixam apreender por meio de variáveis isoladas ou esquemas explicativos quantificáveis, sendo analisados a partir da articulação entre trajetórias, contextos institucionais e experiências vividas, em consonância com abordagens interpretativas sensíveis à produção de sentidos nas práticas educativas (Passeggi; Souza; Vicentini, 2011).

As experiências analisadas foram produzidas em oito oficinas realizadas entre 2024 e 2025, em diferentes espaços formativos, envolvendo professores da educação básica, licenciandos, estudantes universitários e profissionais da área da saúde. As atividades ocorreram predominantemente em formato presencial, com exceção de uma oficina realizada no âmbito do PIBID/UNESP, desenvolvida em formato remoto em razão de condições logísticas do contexto. Cada oficina teve duração média de três horas e, ao final de cada encontro, os participantes foram convidados a responder formulários avaliativos reflexivos sobre a experiência formativa, a mediação pedagógica e o papel do cinema na produção de sentidos.

Participaram das oficinas 108 pessoas, considerando o conjunto das atividades realizadas. Contudo, nem todos os participantes responderam aos formulários avaliativos e, em algumas oficinas, esse instrumento não foi aplicado em razão das especificidades institucionais de realização das atividades, das condições materiais de condução das oficinas e da dinâmica temporal dos encontros, que, em determinados contextos, inviabilizou a aplicação do questionário ao final das atividades. Desse modo, o corpus empírico principal da pesquisa foi constituído por 68 narrativas escritas produzidas voluntariamente pelos participantes. As oficinas nas quais não houve produção de formulários não foram excluídas da análise, sendo consideradas por meio dos registros reflexivos do diário daicineira e das gravações em áudio, utilizados como materiais complementares para contextualização das experiências e apoio à interpretação dos dados.

Do ponto de vista analítico, foram distinguidos três tipos de material narrativo: (i) a escrita daicineira, compreendida como registro reflexivo submetido a exercício sistemático de problematização; (ii) as narrativas produzidas pelos participantes, tratadas como produções discursivas situadas; e (iii) as gravações das oficinas, utilizadas como registros do processo interacional e da dinâmica coletiva das atividades. Essa distinção permitiu preservar as diferentes posições enunciativas presentes no material, evitando sua fusão analítica e assegurando maior rigor interpretativo. As oficinas foram orientadas por um objetivo formativo comum, relacionado ao desenvolvimento do letramento audiovisual como prática de leitura crítica da linguagem cinematográfica e de reflexão sociológica. A caracterização sintética dessas experiências, apresentada no Quadro 1, tem como finalidade situar o leitor quanto às condições de produção das narrativas analisadas, sem antecipar a discussão interpretativa desenvolvida nas seções seguintes.

Quadro 1 – Panorama das oficinas²

Cód.	Título sintetizado da oficina	Contexto e Instituição	Público Geral	Qnt.	Ano	Filme	Tipo de Registros
OF1	Quebra-Cabeça	Atividade de extensão – UFPR, PROFSOCIO	Professores, Pós-graduandos	12	2024	<i>Baile</i> (Bittar, 2019)	Diário, Formulário
OF2	Tecendo Memórias	Congresso Acadêmico - SEPE, UFPR	Professores, Licenciandos em Humanas	6	2025	<i>Memória Vila Zumbi</i> (Agência Escola UFPR, 2023)	Diário, Formulário Gravação
OF3	Corpo e Memória	Atividade de extensão – LAPEDI, UFPR	Graduandos em Saúde	14	2025	<i>M8 – Quando a Morte Socorre a Vida</i> (De, 2020)	Diário, Formulário
OF4	Quebra-Cabeça	Congresso Acadêmico - ENESEB, USP	Professores, Pós-graduandos	8	2025	<i>Baile</i> (Bittar, 2019)	Diário, Formulário, Gravação
OF5	Cor da Pele	Atividade de extensão - UFPR	Licenciandos e Bacharelandos em Humanas e Exatas	20	2025	<i>Dúdu e o Lápis Cor da Pele</i> (Rodrigues, 2018)	Diário
OF6	Cinema em Peças	Atividade de extensão - UFPR	Licenciandos e Bacharelandos em Humanas e Exatas	23	2025	<i>Baile</i> (Bittar, 2019)	Diário, Formulário Gravação
OF7	Independência	Formação inicial – UNESP, PIBID	Licenciandos em Ciências Sociais	13	2025	<i>Meu Corre</i> (Rangel, 2023)	Diário, Formulário
OF8	Meu Corre	Semana Acadêmica, PUCPR	Licenciandos e Bacharelandos em Ciências Sociais	12	2025	<i>Meu Corre</i> (Rangel, 2023)	Diário, Gravação

Fonte: A Autora (2026)

Para fins analíticos, não se buscou a exaustividade do corpus, mas a identificação de recorrências, tensões e deslocamentos de sentido emergentes nas narrativas. Os excertos citados

² Nota: UFPR = Universidade Federal do Paraná; PROFSOCIO = Programa de Mestrado Profissional em Sociologia em Rede Nacional; UNESP = Universidade Estadual Paulista; PIBID = Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência; ENESEB = Encontro Nacional de Ensino de Sociologia na Educação Básica; USP = Universidade de São Paulo; LAPEDI = Liga Acadêmica de Pediatria Interdisciplinar; SEPE = Seminário de Ensino, Pesquisa e Extensão; Cód.= Código; OF = Oficina; Qnt. = Quantidade.

no decorrer desse artigo foram selecionados a partir de critérios analíticos explícitos: (a) densidade reflexiva em relação à experiência formativa; (b) explicitação de sentidos atribuídos à mediação pedagógica com o cinema; (c) recorrência temática entre participantes; e (d) potencial de articulação com as categorias teóricas mobilizadas na análise. Nos casos em que os critérios foram atendidos parcialmente, priorizou-se a densidade reflexiva e a possibilidade de articulação teórica.

Embora a natureza do material produzido e o posicionamento da pesquisadora estejam alinhados aos pressupostos da pesquisa narrativa, a operacionalização da análise incorporou procedimentos associados à análise de conteúdo qualitativa. A investigação assumiu, assim, caráter metodológico híbrido, mobilizando princípios da pesquisa narrativa na compreensão do fenômeno e procedimentos da análise de conteúdo para organização e aprofundamento interpretativo dos achados, conforme Bardin (2011).

Operacionalmente, a análise, que será lida na seção 4, ocorreu em etapas sucessivas. Inicialmente, as narrativas dos participantes foram submetidas à leitura temática e categorial, realizada por meio de leitura exploratória do corpus, identificação de recorrências e refinamento interpretativo das categorias emergentes, com o objetivo de reconhecer regularidades e sentidos atribuídos à experiência formativa. Como recurso auxiliar dessa etapa exploratória, procedeu-se à identificação de expressões recorrentes nas oficinas, posteriormente representadas por meio de nuvem de palavras, utilizada exclusivamente como instrumento de visualização inicial das regularidades discursivas, sem finalidade estatística ou inferencial. Em seguida, a escrita da pesquisadora foi mobilizada como elemento reflexivo de problematização e articulação sociológica dos achados, não sendo tratada como evidência empírica equivalente às narrativas analisadas. Por fim, as gravações foram transcritas, permitindo a organização sistemática do material e favorecendo a identificação de recorrências temáticas, deslocamentos interpretativos e modos de enunciação mobilizados ao longo das oficinas.

A posição da pesquisadora como oficinaira implicou a explicitação das condições de produção da própria mediação pedagógica. A familiaridade prévia com o ensino de Sociologia e com o uso do cinema em contextos educativos orientou inicialmente a condução das atividades, exigindo, ao longo do processo, deslocamentos em direção a uma postura mediadora centrada na escuta das interpretações produzidas pelos participantes. Esse movimento foi tratado como parte do exercício reflexivo próprio da pesquisa narrativa, demandando atenção constante ao risco de antecipação interpretativa. Nessa direção, a investigação mobilizou a noção de vigilância epistemológica (Bourdieu; Chamboredon; Passeron, 1999), compreendida como atitude metodológica permanente de controle das condições de produção do conhecimento, especialmente necessária em pesquisas desenvolvidas em contextos familiares à pesquisadora. O relato da experiência foi, assim, tratado como objeto analítico construído, exigindo distanciamento reflexivo para explicitar relações e condicionantes que escapam à experiência imediata.

No que se refere aos aspectos éticos, a pesquisa foi conduzida em conformidade com os princípios estabelecidos para investigações em Ciências Humanas e Sociais. As narrativas foram produzidas em contextos educativos e analisadas mediante preservação da identidade dos participantes, com uso de pseudônimos e supressão de informações identificáveis. Os participantes foram previamente informados sobre o caráter voluntário do preenchimento dos formulários e sobre a possibilidade de utilização das narrativas para fins acadêmicos, assegurando-se o anonimato e a livre decisão quanto à participação. Nos encontros em que houve gravação em áudio, os participantes foram previamente comunicados sobre o registro e sobre seu uso exclusivo para fins de análise científica. Considerando a natureza do estudo, a

pesquisa enquadrrou-se nas situações de dispensa de registro no sistema CEP/CONEP, conforme a Resolução CNS nº 510/2016.

3 Experiência e escuta

A apresentação inicial de cada oficina constitui um momento central para a compreensão do dispositivo formativo analisado. Nesse contexto, aicineira situa-se inicialmente no lugar de professora que já mobilizava o uso de filmes em suas práticas pedagógicas, experiência que foi posteriormente reelaborada e aprofundada ao longo do ingresso no mestrado. O contato sistemático com a reflexão teórica sobre formação, experiência e linguagem cinematográfica produziu deslocamentos na forma de condução das atividades, levando ao aprimoramento progressivo das práticas anteriormente desenvolvidas.

Nas primeiras oficinas (OF1 e OF2), após a exibição dos filmes, o silêncio inicial dos participantes, inicialmente percebido pela icineira como apreensão, foi por ela interpretado a partir de uma pergunta implícita, “o que faço agora?”. Passou então a ser compreendido como parte do próprio processo formativo, indicando um tempo necessário para a elaboração da experiência antes de sua formulação em reflexão.

É nesse intervalo entre ver, sentir e narrar que se inscreve a noção de experiência mobilizada neste estudo, aproximando-se da compreensão proposta por Jorge Larrosa Bondía (2002), para quem a experiência diz respeito àquilo que nos acontece e nos transforma, distinguindo-se da lógica da informação imediata e acumulativa e exigindo interrupção, escuta e abertura ao inesperado. No contexto das oficinas analisadas, essa distinção tornou-se visível nos momentos em que o silêncio posterior à exibição dos filmes precedia a elaboração verbal das interpretações, indicando que a experiência estética demandava suspensão da resposta imediata e tempo de elaboração. Assim, a escuta e a desaceleração do ritmo da atividade configuraram-se como condições para que os participantes atribuíssem sentido ao vivido, convertendo a fruição estética em reflexão formativa, perspectiva que se aproxima da compreensão do cinema como experiência estética e encontro com a criação, conforme proposto por Bergala (2008).

Essa perspectiva, pensada com Dubet (1994), evidencia uma distância estrutural entre o ator e o sistema: os sujeitos nunca estão totalmente absorvidos por seus papéis institucionais, mantendo uma reserva crítica e uma capacidade reflexiva que sustentam sua autonomia. A instituição escolar, assim, deixa de ser concebida como um conjunto homogêneo de funções ajustadas e passa a ser entendida como um espaço de tensões, no qual o sujeito articula as lógicas de integração, estratégia e subjetivação para produzir sentido em sua ação pedagógica. A experiência docente, portanto, não é dada pela instituição, mas construída pelo sujeito na relação com ela. Contudo, essa capacidade reflexiva não deve ser compreendida como expressão de uma interioridade isolada, mas como processo socialmente constituído, o que permite aproximar essa leitura das contribuições de Norbert Elias (1994), ao enfatizar que a constituição do sujeito ocorre sempre em relações de interdependência.

Nessa ótica interpretativa, a experiência mobilizada neste estudo é compreendida em um tríplice registro. Em primeiro lugar, como acontecimento sensível que afeta e desloca o sujeito, dimensão que se aproxima da concepção de Alain Bergala (2008), para quem o encontro com o cinema não se reduz à transmissão de conteúdos, mas constitui uma experiência estética capaz de produzir estranhamento, deslocamento do olhar e abertura à reflexão. Nas oito oficinas, esse movimento se evidenciou nos momentos em que a experiência estética mediada pelo cinema provocou identificação, desconforto ou surpresa, funcionando como disparadora de reflexões sobre temas sociais e profissionais.

Em segundo lugar, a experiência é compreendida como experiência socialmente situada, organizada por lógicas institucionais e formativas, uma vez que as oficinas ocorreram em contextos distintos, como a formação docente, bacharelados e a área da saúde, nos quais expectativas profissionais e objetivos pedagógicos orientaram os modos de participação e interpretação dos participantes. Por fim, a experiência é entendida como processo relacional, inscrito nas interações entre participantes e mediadora, nas discussões coletivas e na circulação de interpretações que reconfiguram os sentidos inicialmente atribuídos às imagens e às próprias trajetórias formativas. Esse tríplice registro permite evitar leituras individualizantes da formação docente e profissional, situando a experiência simultaneamente nos planos sensível, social e relacional. Nessa perspectiva, dialoga-se com as contribuições da pesquisa (auto) biográfica, especialmente em Passeggi, Souza e Vicentini (2011), para quem a escrita de si constitui um processo de biografização no qual os sentidos da experiência são produzidos na relação com o outro e na negociação interpretativa das narrativas, configurando-se como uma hermenêutica prática da formação.

Para evitar leituras individualizantes que desvinculem o sujeito de sua gênese social, essa compreensão é aprofundada pelas contribuições de Norbert Elias (1994), que reafirma o caráter social da constituição do indivíduo. Para o autor, a percepção de uma vida íntima separada da sociedade não é natural, mas historicamente construída, vinculada a determinadas formas de organização social e de autopercepção dos sujeitos. A subjetividade, nesse sentido, não antecede a sociedade, mas é produzida nas relações de interdependência que estruturam a vida social.

4 Escrita de si e interpretação coletiva

Se a seção anterior discutiu as condições de emergência da experiência formativa nas oficinas, esta seção desloca o foco para os modos pelos quais essa experiência é elaborada na escrita e convertida em material interpretativo. O interesse analítico recai, portanto, menos sobre o acontecimento vivido em si e mais sobre os processos pelos quais ele se torna narrável, compartilhável e analisável.

No desenvolvimento das oficinas mediadas pelo cinema (OF1 a OF8), a condução das atividades constituiu simultaneamente um dispositivo formativo para os participantes e um processo formativo para a própria oficina. A produção de narrativas e a escrita reflexiva não operaram apenas como instrumentos de registro, mas como práticas de elaboração coletiva de sentidos, nas quais narrar e narrar-se se configuraram como dimensões constitutivas da formação. Nesse enquadramento, a escrita de si é compreendida como prática de biografização, isto é, como movimento no qual o sujeito organiza retrospectivamente o vivido e produz inteligibilidade para sua trajetória, articulando dimensões pessoais, profissionais e institucionais da experiência (Passeggi; Souza; Vicentini, 2011).

A análise dos materiais foi organizada a partir de núcleos de sentido emergentes dos relatos produzidos nas oficinas, apresentados na subseção seguinte. A escrita de si é tomada, nesse contexto, como procedimento sociológico na medida em que permite converter enunciações sobre o vivido em indicadores interpretativos das interdependências, normas institucionais e tensões que permeiam a formação docente e profissional. Tal operação analítica possibilita articular níveis biográficos e estruturais da vida social, aproximando experiências singulares de processos sociais mais amplos (Mills, 1969). As narrativas são, assim, compreendidas como enunciações situadas, cujas recorrências tornam visíveis modos socialmente compartilhados de interpretar a formação.

Essa perspectiva implica reconhecer que a experiência não precede a narrativa como dado estável, mas é continuamente reelaborada no próprio ato de narrar. A escrita não apenas descreve o vivido, mas participa de sua constituição como experiência significativa, produzindo distanciamento reflexivo e reorganização do sentido atribuído às práticas. Nesse movimento, a elaboração narrativa permite que elementos inicialmente vividos no plano sensível ou difuso se tornem passíveis de interpretação coletiva, configurando um espaço de reflexão compartilhada sobre a formação.

A análise parte ainda do pressuposto de que os sentidos produzidos nas oficinas resultam de dinâmicas relacionais situadas. Em diálogo com Norbert Elias (1994), o “si” que emerge dessas narrativas é compreendido como fenômeno relacional, constituído em cadeias de interdependência e inscrito em configurações sociais específicas, como a formação docente, as licenciaturas, a pós-graduação, os contextos da saúde e da extensão universitária. Desse modo, os núcleos de sentido identificados não expressam apenas percepções individuais, mas evidenciam processos sociais que se tornam observáveis na experiência narrada e compartilhada, permitindo a passagem analítica do plano da vivência individual para o das relações sociais que a estruturam.

Em algumas situações, o caráter aberto e relacional da experiência estética tornou-se particularmente evidente quando a análise fílmica produziu deslocamentos em relação ao planejamento inicial das atividades. A leitura de Bergala (2008) contribui para compreender o cinema não como recurso pedagógico instrumental, mas como encontro capaz de mobilizar ressonâncias imprevisíveis, que escapam ao controle do dispositivo formativo. Isso foi observado em oficinas realizadas na PUC/PR (OF8, 2025) e no ENESEB (OF4, 2025), nas quais cenas inicialmente selecionadas para discutir aspectos formais da linguagem cinematográfica foram associadas pelos participantes a experiências pessoais de vulnerabilidade, produzindo momentos de implicação afetiva. Tais episódios indicam que a mediação pedagógica não consiste em orientar interpretações previamente definidas, mas em sustentar condições de escuta e elaboração coletiva nas quais o inesperado possa ser incorporado à reflexão. Esse posicionamento também se alinha a diretrizes institucionais contemporâneas voltadas à prevenção de situações de constrangimento e discriminação em ambientes formativos, como expresso na Portaria MGI nº 6.719/2024 (BRASIL, 2024), que enfatiza a responsabilidade institucional na promoção de espaços de escuta, respeito e acolhimento nas interações profissionais e educativas.

Reconhecidos retrospectivamente no processo analítico, esses acontecimentos aproximam-se do que Josso (2004) denomina experiência formadora, na medida em que, ao serem reinterpretados, reorganizam a compreensão da prática e do próprio lugar do sujeito na situação formativa. A escrita reflexiva torna-se, assim, o espaço em que a experiência inicialmente vivida no plano sensível é reelaborada e integrada como aprendizagem, permitindo que o vivido se transforme em conhecimento compartilhável sem perder sua dimensão singular.

4.1 Núcleos de sentido da experiência formativa mediada pelo cinema

A interpretação analítica do material permitiu identificar três núcleos de sentido recorrentes que organizam a análise apresentada a seguir: (i) a aprendizagem como produção coletiva e relacional; (ii) o desenvolvimento da imaginação sociológica e do olhar crítico; e (iii) a humanização da formação profissional associada à problematização das desigualdades sociais. Esses núcleos emergem do diálogo entre as narrativas produzidas nas oficinas e o referencial teórico mobilizado ao longo da pesquisa, configurando-se como sínteses interpretativas construídas a partir da recorrência de sentidos no conjunto do material empírico.

A escrita de si analisada neste estudo não se apresenta como reação imediata à experiência fílmica, mas como elaboração posterior do vivido, produzida no tempo da reflexão e da partilha. A mediação cinematográfica opera, nesse sentido, de modo convergente ao que Bergala (2008) descreve como primazia da experiência sensível sobre a verbalização imediata: a imagem precede a palavra, e a escrita surge como tentativa de dar forma ao que inicialmente se manifesta de modo intuitivo, afetivo e não plenamente racionalizável. Essa defasagem entre ver, sentir e narrar mostrou-se central para a constituição dos núcleos de sentido, pois é nesse intervalo que a experiência deixa de ser apenas acontecimento e se torna passível de elaboração e interpretação. Tal movimento aproxima-se da compreensão da experiência como processo formador que se constitui na reelaboração reflexiva do vivido (Josso, 2004), bem como da ideia de que o sentido emerge na relação entre experiência e linguagem, e não na sua imediata tradução discursiva (Larrosa, 2002).

Um primeiro núcleo de sentido refere-se à aprendizagem como produção coletiva e relacional, na qual a diversidade de perspectivas e a escuta do outro aparecem como condições constitutivas do aprender. Esse núcleo emergiu na oficina *Cinema em Peças* (OF6, 2025), realizada no contexto das licenciaturas e da extensão universitária. Nessa oficina, um licenciando, identificado pelo pseudônimo Caio, destacou que o aspecto mais significativo da experiência foram “os debates com os outros ouvintes, a variedade de pontos de vista diferentes para o mesmo objeto de estudo”. Na mesma atividade, Mauro afirmou que “a quantidade de perspectivas interessantes e o quanto elas se relacionam com todos os conceitos que tenho aprendido a instrumentalizar com a sociologia”. As narrativas indicam que o conhecimento é percebido pelos participantes como processo relacional, construído na circulação de interpretações e na validação mútua dos sentidos produzidos. Na direção proposta por Elias (1994), esse núcleo evidencia a interdependência constitutiva dos sujeitos no processo formativo, deslocando a aprendizagem de uma lógica individual para uma configuração coletiva de produção de sentido.

Esse primeiro núcleo evidencia que a experiência formativa mediada pelo cinema se constitui, inicialmente, no plano da relação com o outro, na observação compartilhada e na comparação de leituras. Tal movimento aproxima-se da perspectiva de Bergala (2008), para quem a formação cinematográfica não se reduz à transmissão de conteúdos sobre o cinema, mas envolve a constituição de uma cultura de cinema construída na partilha de olhares e na suspensão da interpretação correta como horizonte pedagógico. Nesse contexto, a experiência estética torna-se também espaço de encontro, no qual a pluralidade interpretativa participa da elaboração coletiva da experiência.

Nas primeiras oficinas realizadas na UFPR/PROFSOCIO (OF1, 2024) e no SEPE/UFPR (OF2, 2025), o desenvolvimento da imaginação sociológica e do olhar crítico constituiu um princípio orientador da proposta formativa. As narrativas dos participantes evidenciaram a mobilização recorrente de relações entre elementos singulares das cenas e processos sociais mais amplos, configurando um segundo núcleo de sentido relacionado à imaginação sociológica, compreendida como a capacidade de articular experiências individuais às estruturas sociais que as perpassam (Mills, 1969).

Esse núcleo pode ser observado, por exemplo, na oficina realizada no ENESEB/USP (OF4, 2025), na qual uma professora participante afirmou que a atividade “instiga a imaginação sociológica a partir da análise fílmica”, e também na oficina desenvolvida no âmbito do PIBID/UNESP (OF7, 2025), em que estudantes destacaram o desenvolvimento de um “olhar mais crítico para questões que normalmente deixamos passar no dia a dia”. Em ambas as situações, o cinema operou como dispositivo de deslocamento do olhar cotidiano, permitindo que percepções inicialmente individuais fossem reinterpretadas como experiências socialmente

situadas. Esse deslocamento evidencia a passagem do plano da vivência singular para a compreensão das relações sociais que a estruturam, aproximando-se da noção de experiência social como articulação de múltiplas lógicas de ação, na qual o sujeito produz sentido ao relacionar sua trajetória a contextos mais amplos (Dubet, 1994). A reflexividade observada nas narrativas esteve diretamente associada às condições de diálogo produzidas na mediação, indicando que o desenvolvimento do olhar crítico não decorreu apenas do conteúdo dos filmes, mas da elaboração coletiva das interpretações.

Um terceiro núcleo de sentido relaciona-se à humanização da formação profissional e à problematização das desigualdades sociais, especialmente no que se refere ao racismo. Esse eixo emergiu tanto na oficina realizada no grupo saúde, LAPEDI/UFPR (OF3, 2025), quanto no grupo educação, oficina *Cor da Pele* (OF5, 2025), evidenciando convergências entre diferentes campos formativos. Na OF3, uma participante afirmou que a atividade evidenciou “o quanto o letramento racial é importante, não apenas como profissional, mas como cidadã”, enquanto outra destacou que a experiência provocou uma reflexão sobre desigualdades e o desejo de transformação no exercício profissional. Nas discussões da OF5, o debate deslocou-se das situações vividas pelos personagens do filme para a análise de processos sociais concretos, ampliando a compreensão do tema para além da dimensão individual.

Esse movimento, que conecta inquietações pessoais a questões públicas da estrutura social, constitui elemento central da imaginação sociológica (Mills, 1969) e evidencia a dimensão ética da experiência formativa. Nas oito oficinas, tal deslocamento foi inicialmente percebido como intensificação do envolvimento afetivo dos participantes, sendo posteriormente reinterpretado como expressão das dimensões éticas e sensíveis da formação mobilizadas pela experiência estética. Nesse sentido, o cinema, compreendido como arte e não como ilustração temática, favorece encontros com a alteridade que desestabilizam percepções prévias e ampliam a compreensão do outro (Bergala, 2008), permitindo que a experiência sensível se converta em reflexão social.

Consideradas em conjunto, essas manifestações permitem deslocar a análise do plano dos conteúdos tematizados para o modo como os sentidos são produzidos nas interações formativas. A escrita de si, tal como mobilizada nas oficinas, não se configurou como mero exercício individual de introspecção, mas como prática coletiva de elaboração da experiência, perpassada pela relação entreicineira e participantes. Na oficina ENESEB (OF4, 2025), um estudante destacou a “sensibilidade em apresentar temas e conversar com as pessoas”, indicando que a mediação não se apoiou em uma posição de autoridade interpretativa, mas na articulação de escutas e na criação de condições para que os sujeitos se reconhecessem como autores de suas narrativas no próprio ato de enunciação. Esse caráter relacional da escrita de si torna-se evidente quando os participantes reconhecem deslocamentos em seus próprios modos de perceber a experiência formativa. Na oficina *Cinema em Peças* (OF6, 2025), uma licencianda afirmou que a atenção às cenas “só faz sentido quando a gente escuta a interpretação do outro”, indicando que a elaboração individual da experiência passou a ser orientada pela análise coletiva. Nos registros do diário de campo, observa-se que, à medida que interpretações divergentes eram compartilhadas, o foco da discussão deslocava-se da busca por uma leitura correta para a escuta das diferenças, configurando um espaço em que a experiência era continuamente reelaborada na interação.

A recorrência de referências à escuta, à troca e à mudança de percepção foi inicialmente compreendida como efeito metodológico da dinâmica proposta, sendo posteriormente reinterpretada como indicador das dimensões relacionais da formação que atravessaram diferentes contextos das oficinas. Nesse processo, os registros reflexivos daicineira não são mobilizados como evidência de efeitos formativos específicos, mas como elemento de

reflexividade que evidencia como diferentes condições de mediação interferem na condução da experiência e na própria posição da mediadora no processo formativo.

A partir desses núcleos de sentido, torna-se possível observar como a experiência formativa se reorganiza de modo distinto conforme os contextos profissionais em que as oficinas foram realizadas. A análise comparativa evidencia que, embora o procedimento metodológico tenha sido comum às oito oficinas, os sentidos atribuídos ao aprendizado assumem inflexões específicas conforme o campo profissional. No contexto da saúde, predominam categorias ético-sociais relacionadas à escuta, ao cuidado e ao reconhecimento das desigualdades, indicando que o aprendizado foi interpretado como ampliação da consciência social e do posicionamento ético-profissional. No contexto da educação, por sua vez, destacam-se categorias associadas a interpretação, linguagem e análise, evidenciando a centralidade da transformação do olhar e da leitura crítica da imagem e da realidade social.

A seguir, apresenta-se a nuvem de palavras resultante da junção dos dois conjuntos textuais (Figura 1): saúde e educação. Sua construção deu-se a partir das narrativas provenientes das oficinas nas quais houve aplicação de formulário (OF1, OF2, OF3, OF4, OF6 e OF7), como recurso auxiliar de visualização das recorrências identificadas no material empírico, em consonância com a etapa exploratória da análise de conteúdo proposta por Bardin (2011).

Figura 1 - Nuvem de palavras saúde e educação



Fonte: A Autora (2026)

A sobreposição desses termos — “olhar”, “social”, “sociedade”, “cinema”, “linguagem”, “análise”, “interpretação”, “reflexão”, “sensibilidade”, “desigualdade” e “racismo” — indica que o audiovisual opera como um dispositivo formativo comum, mobilizando processos reflexivos que assumem inflexões distintas conforme o campo profissional, ora enfatizando a interpretação crítica da realidade social, ora a sensibilização e o reconhecimento das desigualdades. Alain Bergala (2008) argumenta que, para que o cinema exerça plenamente seu potencial, ele precisa ser abordado prioritariamente como uma arte e uma língua escrita da realidade, capaz de nos dar acesso à alteridade e de nos fazer compartilhar experiências que, de outra forma, nos seriam estranhas. Assim, a reflexão e a sensibilidade

podem emergir não apenas de uma resposta ideológica, mas de um engajamento com sua dimensão criativa e singular.

5 Considerações finais

Ao longo do artigo, demonstrou-se que a narrativa de si, quando situada sociologicamente e mobilizada em contextos formativos mediados pelo cinema, pode constituir simultaneamente um procedimento de investigação e um dispositivo formativo no campo da educação. A pesquisa foi orientada pela questão de como a escrita de si, produzida em oficinas pedagógicas mediadas pela experiência estética, pode operar como procedimento sociológico na compreensão da formação docente e profissional. Os resultados indicam que a produção narrativa, ao ser elaborada em contextos coletivos de reflexão, possibilita a transformação de vivências individuais em material interpretativo compartilhado, articulando dimensões biográficas, institucionais e sociais da formação. A análise evidenciou três núcleos de sentido recorrentes. O primeiro refere-se à aprendizagem como produção coletiva e relacional, na qual o debate, a escuta e a circulação de interpretações constituem condições da elaboração da experiência formativa. O segundo núcleo diz respeito ao desenvolvimento da imaginação sociológica e do olhar crítico, evidenciado na capacidade dos participantes de relacionar elementos singulares das narrativas filmicas a processos sociais mais amplos, deslocando percepções individuais para interpretações socialmente situadas. O terceiro núcleo relaciona-se à humanização da formação profissional e à problematização das desigualdades sociais e raciais, especialmente quando a experiência estética mobilizou reflexões éticas vinculadas à responsabilidade profissional e à sensibilidade diante de contextos de vulnerabilidade.

Tomados em conjunto, esses resultados indicam que a escrita de si operou como prática de elaboração da experiência e como mediação reflexiva entre trajetórias individuais e configurações institucionais. Nesse processo, os registros reflexivos da oficina não se configuraram apenas como instrumento metodológico, mas como espaço de reorganização da própria prática, permitindo reconhecer padrões, tensões e deslocamentos que não se tornavam plenamente visíveis durante a condução das oficinas. A escrita assume, assim, uma dimensão heurística, na medida em que o exercício reflexivo se converte também em modo de produção de conhecimento sociologicamente situado sobre a experiência formativa.

Conclui-se que a escrita de si, quando mediada pelo cinema e sustentada por rigor analítico e reflexividade sociológica, constitui um dispositivo formativo capaz de articular biografia, instituição e estrutura social nos processos de formação docente e profissional. Nesse sentido, o estudo contribui para deslocar abordagens individualizantes da formação, evidenciando que o “si” narrado emerge como construção social situada, produzida em relações de interdependência e perpassadas por normas institucionais, expectativas profissionais e disputas de sentido presentes nos campos da educação e da saúde.

Reconhecem-se, contudo, limites decorrentes do caráter situado da investigação e da dupla posição da autora como oficinaira, condição que exige permanente exercício de reflexividade analítica. Além disso, o recorte empírico concentrou-se nas narrativas produzidas no contexto imediato das oficinas, não permitindo acompanhar longitudinalmente os desdobramentos dessas experiências nas práticas profissionais dos participantes. Tais limites apontam possibilidades para pesquisas futuras, especialmente aquelas que ampliem o escopo empírico para outros contextos institucionais, realizem estudos comparativos entre modalidades formativas distintas ou acompanhem, em perspectiva temporal ampliada, os efeitos da escrita de si e da mediação cinematográfica nos percursos profissionais.

Referências

BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo**. São Paulo: 70, 2011, 229 p.

BONDÍA, Jorge Larrosa. Notas sobre a experiência e o saber de experiência. **Revista Brasileira de Educação**, Rio de Janeiro, n. 19, p. 20-28, jan./abr. 2002. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S1413-24782002000100003>. Acesso em: 11 fev. 2026.

BRASIL. Ministério da Gestão e da Inovação em Serviços Públicos. Portaria MGI nº 6.719, de 13 de setembro de 2024. **Diário Oficial da União**, seção 1, Brasília, DF, ed. 190, p. 46, 1 out. 2024. Disponível em: <https://www.gov.br/cnen/pt-br/acesso-a-informacao/comites-internos/comite-gestor-de-integridade/PortariaMGI6.719de13desetembrode2024InstituioPlanoFederaldePrevenoeEnfrentamentodoAssdioedaDiscriminaonaAdministr.pdf>. Acesso em: 11 fev. 2026.

BRASIL. Conselho Nacional de Saúde. Resolução nº 510, de 7 de abril de 2016. Dispõe sobre as normas aplicáveis a pesquisas em Ciências Humanas e Sociais. **Diário Oficial da União**, Brasília, DF, 24 maio 2016. Disponível em: <https://www.gov.br/conselho-nacional-de-saude/pt-br/atos-normativos/resolucoes/2016/resolucao-no-510.pdf/view>. Acesso em: 11 fev. 2026.

BERGALA, Alain. **A hipótese-cinema**: pequeno tratado de transmissão do cinema dentro e fora da escola. Rio de Janeiro: Booklink, 2008.

BOURDIEU, Pierre; CHAMBOREDON, Jean-Claude; PASSERON, Jean-Claude. **O ofício de sociólogo**: metodologia da pesquisa na sociologia. 5. ed. Petrópolis: Vozes, 1999.

CLANDININ, D. Jean; CONNELLY, F. Michael. **Pesquisa narrativa**: experiências e história na pesquisa qualitativa. 2. ed. rev. Uberlândia: EDUFU, 2015.

DUBET, François. **Sociologia da experiência**. Lisboa: Instituto Piaget, 1994.

ELIAS, Norbert. **A sociedade dos indivíduos**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1994.

JOSSO, Marie-Christine. **Experiências de vida e formação**. São Paulo: Cortez, 2004.

MILLS, C. Wright. **A imaginação sociológica**. Rio de Janeiro: Zahar, 1969.

PASSEGGI, Maria da Conceição; SOUZA, Elizeu Clementino de; VICENTINI, Paula Perin. Entre a vida e a formação: pesquisa (auto)biográfica, docência e profissionalização. **Educação em Revista**, Belo Horizonte, v. 27, n. 1, p. 369-386, abr. 2011. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0102-46982011000100017>. Acesso em: 11 fev. 2026.

Recebido em fevereiro de 2026.

Aprovado em junho de 2026.